



As manifestações de junho de 2013 nas revistas semanais brasileiras: uma análise de enquadramento¹

Raquel de Souza JERONYMO²
Marcos Paulo da SILVA³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

RESUMO

O artigo propõe uma análise de enquadramento noticioso a partir do estudo de duas das principais revistas semanais do Brasil: *Veja* e *IstoÉ*. O tema escolhido para exemplificar como diferentes enquadramentos podem produzir relatos divergentes de um mesmo acontecimento consiste nas manifestações que ocorreram por todo o país no mês de junho de 2013. O motivo da escolha sustenta-se no fato de o tema ser bastante controverso, pois foi abordado de maneiras distintas pelos veículos de comunicação. Busca-se uma análise descritiva dos periódicos selecionados seguida de um estudo comparativo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Enquadramento Noticioso; Manifestações populares; Revistas Semanais.

INTRODUÇÃO

Recorre-se neste artigo a um conceito bastante caro aos estudos de coberturas midiáticas: a concepção de *enquadramento noticioso*. De acordo com Mauro Porto (2002, p. 15), enquadramentos noticiosos são padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos. Nesse cenário, veículos midiáticos podem utilizar diferentes enquadramentos e conseqüentemente determinar quais aspectos da realidade decidirão relatar ou ignorar.

Segundo Robert Hackett (1993 *apud* Porto, 2002), já não é suficiente pressupor a possibilidade da comunicação dita “imparcial”, de conteúdos objetivos e independentes do mundo exterior. O autor propõe uma substituição do conceito de “parcialidade” pelo de “orientação estruturada”, que tem como um de seus principais fatores os “enquadramentos”, recortes subjetivos utilizados na produção dos noticiários quando aplicados pelos jornalistas em seus relatos. Para Pan e Kosicki (2001, p. 60

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo – Intercom Júnior, do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Acadêmica do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: raquels.jeronymo@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com estágio de doutorado-sanduiche pela Syracuse University (New York, Estados Unidos). E-mail: marcos.paulo@ufms.br.



apud Porto, 2002), os enquadramentos não se referem “apenas a processos de manipulação, mas são parte de qualquer processo comunicativo, uma forma inevitável através da qual atores fazem sentido de suas experiências”.

O tema escolhido para exemplificar como diferentes enquadramentos podem produzir relatos divergentes de um mesmo acontecimento consiste nas manifestações que ocorreram por todo o Brasil no mês de junho de 2013. O motivo da escolha sustenta-se no fato de o tema ser bastante controverso, pois foi abordado de maneiras distintas por veículos de comunicação de todo o Brasil. Outro motivo para a escolha da temática localiza-se em um fator citado por Porto (2002, p.8) ao referir-se ao sociólogo William Gamson: a pertinência de estudos sobre o posicionamento da mídia a respeito de mobilizações que promovem ações coletiva – questionamento que se relaciona diretamente com o objeto de análise escolhido no presente artigo.

Inicialmente, o motivo dos protestos foram os vinte centavos de aumento nas passagens de ônibus na cidade de São Paulo. Em pouco tempo, porém, outras reivindicações foram inseridas no movimento e a onda de protestos se espalhou por todo Brasil. A internet foi muito utilizada como meio alternativo de dispersão de informações durante e após as manifestações. Tal particularidade evidenciou muitas vezes eventuais posicionamentos equivocados da grande mídia, forçando os responsáveis pelos veículos tradicionais a modificar seus enfoques com o passar dos dias.

Esse é também um dos pontos que a análise busca ressaltar. A escolha das revistas *Veja* e *IstoÉ* se deu por serem duas das principais publicações do gênero no Brasil, constando entre as maiores tiragens do setor há muitos anos. O enfoque quase oposto entre as duas revistas pode ser observado já nas capas das edições analisadas, o que contribuiu para a escolha desses veículos em particular. O período analisado é delimitado pelas três primeiras semanas nas quais o tema esteve em destaque, entre os dias 19 de junho e 3 de julho de 2013⁴. Foram analisadas todas as matérias que tratavam diretamente do tema ou que estavam relacionadas de alguma forma, como a cobertura dos atos de “vandalismo” que ocorreram durante os protestos e o impacto nos preparativos da Copa das Confederações e da Copa do Mundo (tema que surgiu nos protestos e acabou por ganhar destaque).

Não somente o conteúdo escrito foi analisado, mas também a construção visual utilizada e as fotos e fontes escolhidas por ambos os veículos. A importância dessa

⁴ Edições 2326, 2327 e 2328 da revista *Veja* e edições 2274, 2275 e 2276 da revista *IstoÉ*.



análise é explicada por Gitlin (2003, p.7, tradução nossa): “Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, por meio dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual”.

Na sequência serão descritos os enquadramentos das revistas *Veja* e *IstoÉ*:

ANÁLISE DA REVISTA VEJA: ABORDAGEM DESCRITIVA

Editoriais

Na primeira edição na qual abordava os protestos, a revista *Veja* trata os manifestantes como jovens das classes média e alta, que nunca dependeram do transporte coletivo e que estão protestando sem razões próprias. Generaliza os participantes dos protestos como vândalos e ilustra o editorial com a imagem de um manifestante com máscara de macaco, passando a impressão de certa selvageria. Enquadra esses jovens como massas de manobra de partidos radicais e tenta decifrar quais são as verdadeiras frustrações extravasadas de forma violenta nas ruas.

Já na segunda edição, o conselho editorial coloca como motivo das manifestações o fato de que uma imensa porção da sociedade não se sente representada pelas instituições brasileiras e que a insatisfação é muito mais profunda e generalizada do que se imaginava. Ressalta que os partidos de esquerda – especialmente o PT – foram “pegos em cheio” pelos protestos e que os participantes não se sentem representados por essas legendas. Contrariando o que foi dito na edição anterior, diz que os brasileiros que estão indo às ruas não admitem mais ser usados como massa de manobra por partidos políticos e que o que deve se fazer agora é ouvir as ruas sem temer o novo.

Cobertura noticiosa dos protestos

Na primeira edição analisada, a matéria de capa intitulada “A Revolta dos Jovens” faz uma cobertura a respeito do que aconteceu nos primeiros dias de protestos. O enfoque parece ser o de colocar em xeque a credibilidade das manifestações e dos manifestantes em si, pois logo no começo é dito que boa parte deles está nas ruas somente para “dar vazão às pressões hormonais pelo exercício passageiro do socialismo revolucionário”. Ao se referir às minorias, a *Veja* diz que elas participaram ativamente do quebra-quebra e são “os suspeitos de sempre”, militantes de extrema esquerda



(PSTU, PSOL, PCO, PCdoB) e de centro-esquerda (PT e PMDB), punks e desocupados.

O Movimento Passe Livre, responsável por organizar as primeiras manifestações, é tratado como um “grupo nanico”, com integrantes da elite paulistana. A revista sugere que os manifestantes constituem uma minoria que sempre existirá e se espanta com a participação de jovens que “tinham tudo para estar no cinema, no shopping e na balada e não engrossando as fileiras das minorias de vândalos profissionais”, os quais acabam rotulados como “rebeldes sem causa”. A matéria diz que os primeiros protestos organizados pelo MPL não chegaram a reunir duas mil pessoas, e que só cresceram porque alas radicais dos partidos arregimentaram integrantes de grupos punk, responsáveis pelos atos de vandalismo. É citada a fala de um agente da inteligência da Secretária de Segurança Pública de São Paulo, que caracteriza o movimento como “hospedeiro de interesses políticos” e “vetor de violência”.

Veja ainda compara o MPL com outros movimentos que geraram protestos ao redor do mundo, como o *Occupy Wall Street*, em New York, enfatizando que a semelhança entre ambos está nos integrantes com boa situação financeira. Assim, apesar de considerar a reivindicação pela redução das tarifas de ônibus como válida, a revista enfatiza que boa parte dos manifestantes não depende desse serviço e, portanto, está protestando sem saber direito o motivo. Uma das causas apontadas é a ausência de partidos e programas que empolguem legitimamente os jovens, já que isso lhes daria a “saudável noção de que o mundo não é perfeito” e de que a saída de situações difíceis deve ocorrer por meio da política e do voto. Ao fim da matéria é dito que as autoridades percebem que se não agirem com vigor, poderão perder o controle da situação, e que o grande perigo de uma democracia é a degeneração de protestos legítimos e da repressão policial necessária em “batalhas campais”.

Curiosamente, na segunda edição, que tem como tema justamente os protestos, não há uma cobertura específica sobre o que ocorreu nos demais dias de manifestações. *Veja* prefere se ater às consequências políticas daquele momento, reservando para a matéria de capa – sob o título “Os Sete Dias que Mudaram o País” – apenas um pequeno espaço de páginas que deram destaques a fotos dos protestos. A matéria diz inicialmente que logo que os protestos se espalharam, “todo mundo” sentiu que a coisa era bem maior do que o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus. Tão maior que, em uma semana, multidões bem acima de um milhão de pessoas saíram às ruas Brasil



afora na dita “noite histórica” de quinta-feira (20 de junho de 2013). Continua afirmando que todos os parâmetros comparativos anteriores, como os movimentos *Diretas Já* e *Fora Collor*, empalideceram diante do abismo aberto entre os representantes dos poderes e o poder dos que se sentem mal representados. Ao fim, diz que aqueles que mais se enxergam como agentes de mudança, os partidos de esquerda, como o PT, foram os que mais se viram emparedados pela nova realidade das ruas.

Copa das Confederações e Copa do Mundo

Com o avanço das manifestações, a abrangência de reivindicações foi ampliada e os gastos com a Copa começaram a ser questionados. É o que aborda a matéria “Um Chute na Copa”, na segunda edição analisada. Os principais argumentos são: o gasto exagerado de dinheiro público com belos estádios, a escassez de investimentos no restante do cotidiano do país e o alto consumo de dinheiro público com a Copa de 2014 para poucos resultados. É mostrado que mais de 80% dos gastos com a Copa do Mundo saem de cofres alimentados com impostos do cidadão, o que contradiz o que havia sido divulgado seis anos antes pelo então Ministro dos Esportes, Orlando Silva.

E os estádios não são o único problema abordado pela publicação. É dito que a infraestrutura de acesso é pouca e precária e que os aeroportos serão apenas “remendados”. Todas as fontes abordadas apoiam a visão geral da matéria, como, por exemplo, o professor de Gestão do Esporte da Universidade de Michigan (Estados Unidos), Stefan Szymanski, que diz o Brasil sacrificou parte de seu futuro para ter o evento em 2014.

Na terceira edição, o tema continua a ser abordado. A matéria “Adeus à pátria de chuteiras” mostra que os jogadores foram forçados por certa pressão popular a mostrarem o que pensam sobre as manifestações. Pelé e Ronaldo, ídolos do futebol brasileiro, geraram desconforto no cenário dos protestos e da mídia em geral com declarações polêmicas como “não se faz Copa com hospitais” e pedidos para que a população “esquecesse” as manifestações. Diante de tudo isso, *Veja* salienta que o Brasil deixa de ser a pátria das chuteiras, e que o futebol deixa de ser utilizado para encobrir os problemas da população.

Ações de “vândalos” durante as manifestações

O suposto vandalismo presente nas manifestações é abordado na matéria “Os organizadores do Caos”. Segundo a revista, entre os vândalos que “macularam” os



protestos há desde militantes de esquerda até “*pitboys*” sem causa, mas são os anarquistas que incitam o quebra-quebra. De acordo com o veículo, a tática usada por eles seria a de acender a fagulha do vandalismo e depois se retirar ou se misturar à multidão, empurrando as massas para um comportamento irracional de maneira calculada e combinada de antemão. Para a *Veja* os métodos e a capacidade de organização dos “anarquistas” pegaram a inteligência policial de surpresa (o que é confirmado por um Delegado da Diretoria de Inteligência da Polícia Federal de Brasília), pois apesar de serem minoria entre os manifestantes, são considerados “os mais organizados”.

ANÁLISE DA REVISTA ISTOÉ: ANÁLISE DESCRITIVA

Editoriais

Na primeira edição analisada da revista *IstoÉ* fica claro o posicionamento do veículo quanto às atitudes de repressão promovida pela polícia contra os manifestantes durante os protestos. Comenta-se que devido à proporção dos protestos é inevitável a infiltração de grupos de agitadores que partem para o vandalismo fora de controle. Condena-se as autoridades julgando-as despreparadas e sedentas por poder por adotarem a repressão extrema até contra manifestantes inocentes. É dito que não é possível tolerar nenhum tipo de repressão, tampouco a violência sem propósito, e apoia-se o direito de ações reivindicatórias, tomando-os como base para a democracia.

A segunda edição analisada é uma edição especial sobre as manifestações, publicada logo depois do ápice dos protestos. O editorial argumenta que os políticos estão atônitos e não sabem o que fazer diante da onda de protestos. Define um perfil dos manifestantes como pessoas sem rosto definido, sem coloração partidária, sem projeção em palanque, bem como sem a ambição do voto, e critica a forma como o Estado brasileiro opera diante dos fatos. Posiciona-se contra a violência por parte dos manifestantes e argumenta que esses não devem, naturalmente, buscar resultados de maneira anárquica, autodestrutiva, como determinados grupos de “vândalos, saqueadores e aproveitadores” tentam fazer.

A terceira edição, “pós-protestos”, mostra a resposta das autoridades para a população, pontuando o resultado de algumas reivindicações como o avanço na questão de votação de projetos, a rejeição da PEC 37 – que limitava o poder de investigação do Ministério Público – e a aprovação do projeto que torna a corrupção crime hediondo. Por fim conclui que as manifestações desencadearam uma onda populista, acelerando



processos e fazendo com que as decisões políticas saiam do papel e vigorem por tempo indeterminado.

Cobertura dos protestos

Na primeira edição, a matéria “A Volta da Repressão” chega a comparar as atitudes tomadas por parte da Polícia Militar como semelhantes à época da ditadura militar. Relata atos de repressão por parte da polícia em uma tentativa de impedir a continuação dos protestos em São Paulo, e cita que há uma repressão excessiva com manifestantes e jornalistas e menos empenho na repressão contra o crime. A matéria revela as origens esquerdista das lideranças do Movimento Passe Livre (MPL) e evidencia o relato de um dos porta-vozes do MPL, o Professor Lucas Oliveira, 28 anos, que foi ameaçado pela polícia ao questionar a prisão de dois conhecidos, levados aparentemente sem motivo. Os episódios de vandalismo são definidos como confrontos entre grupos de ‘natureza violentas’, a exemplo dos anarco-punks e dos *skin-heads*.

Na segunda edição, a matéria de capa da revista, “Hoje é você quem manda”, mostra que o núcleo das manifestações é composto, em sua maioria, por estudantes universitários. Junto com eles, vieram outros grupos, carregando todos os tipos de reivindicações e compartilhando a mesma insatisfação. Exibe que os manifestantes querem muito mais do que evitar um aumento de passagem (um dos gritos exaltados durante o manifesto era “não é só por R\$ 0,20 centavos”). Um ponto importante diz respeito ao fato de que os gritos realmente surtiram algum efeito, uma vez os jovens saíram das redes sociais, conseguiram levar mais de um milhão de pessoas às ruas, deixaram os governantes preocupados e fizeram com que muitos ao redor do país anunciassem a redução das tarifas de vários transportes públicos, como ônibus, metrô, trem urbano e barcas. Mostra-se a partir do enquadramento adotado pela revista como a capacidade de mobilização pelas redes sociais não tem limites e seu poder é transformador, inibindo até a ação agressiva dos policiais.

A referida matéria ainda destaca a questão do apartidarismo nas manifestações, onde fica evidenciada nitidamente a posição da revista sobre a questão, revelando que um manifesto sem partido é positivo, pois tenta evitar que os manifestantes virem massa de manobra das instituições partidárias – posição também compartilhada por parte dos Líderes do Movimento Passe Livre, pois em um determinado momento, os mesmos ameaçaram abandonar as passeatas caso identificassem partidos políticos infiltrados.



Ainda na segunda edição, a matéria “A Disciplina no Uso de Armas Menos Letais” demonstra a posição do veículo contra a repressão. Essa matéria traz a notícia da resolução firmada na terça-feira, 18 de julho de 2013, pelo Conselho de Defesa da Pessoa Humana (vinculado à Secretaria de Direitos Humanos), recomendando que não devem ser usadas armas de fogo em manifestações e eventos públicos e que a utilização de instrumentos como spray de pimenta e balas de borracha só é aceitável quando comprovadamente necessário.

Algumas fontes são utilizadas para demonstrar o lado negativo do uso das armas menos letais, como Aurélio Rios, procurador Federal dos Direitos do Cidadão e relator do processo que culminou na resolução. Ele diz que essas armas devem ser o último recurso e que as cenas vistas revelam um absoluto despreparo da polícia. Pedro Miranda, proprietário de uma empresa de explosivos e especialista em armas menos letais diz que a bala de borracha pode perfurar a pele e matar, e que gás lacrimogênio em ambiente fechado pode causar sufocamento e morte. Em defesa da polícia, o coronel José Vicente da Silva Filho, professor do Centro de Altos Estudos da Polícia Militar de São Paulo, afirma que quando um policial sai sozinho para atingir alguém, é sinal que é mal preparado, pois não é isso que é ensinado nos treinamentos.

Por fim a última matéria sobre os manifestantes chama-se “Que Brasil será este?” e relata que, depois dos protestos, o Brasil não é mais o mesmo, uma vez que os brasileiros deixaram de ser acomodados e resolveram ir às ruas, chamando a atenção e querendo ser “os protagonistas das próprias histórias”. Cita que foi surpreendente ver a proporção que as manifestações tomaram, pois nem mesmo a Copa das Confederações impediu o povo de ir às ruas promover reivindicações. Um professor de Ciências Políticas da Universidade Estadual Paulista declara que “o grande elemento novo na política brasileira é o protagonismo da sociedade, que estava adormecida e acordou para questionar o modelo de democracia atual”. Do ponto de vista da revista, o tempo para os partidos políticos criarem novas ideias para voltar a dialogar com a sociedade é extremamente curto, pois, nas ruas, os jovens disseram que vão pensar muito nas próximas eleições, analisando todas as propostas de todos os partidos. De acordo com o periódico, a sociedade agora quer aprofundar e radicalizar a democracia.

Copa das Confederações e Copa do Mundo

A única matéria abordando a Copa das Confederações está presente na edição especial (segunda edição) e é intitulada de “Padrão Fifa”. Ela trata do fato de a Copa das



Confederações ter virado alvo de manifestações pelo custo excessivo das obras diante da baixa qualidade dos serviços públicos do país. Segundo a matéria, a população está descontente com os R\$ 28 bilhões investidos só nos torneios, e os protestos atingiram as cidades-sede do torneio. Nessas cidades, de acordo com a revista, têm ocorrido sucessivos embates entre milhares de manifestantes e a polícia nas redondezas dos estádios e nos dias de jogo.

A matéria trata os gastos com a Copa como “astronômicos” e, diante das inúmeras necessidades do País, levanta o questionamento de que se haverá realmente retornos efetivos com os gastos no evento. Para ilustrar, utilizam argumentos como o do professor de ciências políticas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pedro Fassoni Arruda. Para ele, esses protestos são um grito pela Justiça de todos que foram expulsos de suas casas para a construção de novas obras para o torneio, somados ao sentimento de revolta pelo descaso com o dinheiro público. Heloísa Baldy dos Reis, especialista em sociologia do esporte da Universidade de Campinas, diz que o brasileiro está percebendo que o dinheiro que saiu do seu bolso não terá o retorno esperado.

Ações de “vândalos” durante as manifestações

A última edição de *IstoÉ* analisada aborda o assunto com uma matéria intitulada “Os Infiltrados”, que revela que pessoas como traficantes e gangues neonazistas estavam entre os vândalos que usaram os protestos para praticar crimes. Relata também que as polícias estaduais já identificaram integrantes de grupos que praticavam vandalismo e que muitos deles eram ex-presidiários. Usa fontes como o delegado gaúcho Marco Antonio Duarte de Souza, que diz que esses infiltrados se valem do anonimato no imenso contingente de pessoas para cometer crimes e evidencia que os próprios líderes das manifestações pediram investigações sobre a possível ação de grupos neonazistas durante os protestos.

De acordo com a segunda edição, os “vândalos” são caracterizados como “bandos pequenos, dispostos a promover a quebração e o vandalismo misturados aos manifestantes pacíficos”. Segundo a matéria intitulada “Apesar de vocês”, as imagens de violência que correram o mundo não são as que irão ficar dos protestos, mas sim a do repúdio dos manifestantes à minoria violenta. Usa o argumento de que incendiar ônibus e quebrar estações de metrô não interessa a quem depende do transporte público. Atribui uma responsabilidade ao Movimento Passe Livre de controlar a multidão pensando



numa estratégia para expurgar os “baderneiros” dos protestos, sem ficar de braços cruzados apenas com a declaração que não são responsáveis pelas atitudes alheias.

Aponta, por final, que houve uma falha policial devido à demora para conter os tumultos. Nesse último item, usa como fonte o professor de estudos sociopolíticos da Universidade Federal de Minas Gerais, Robson Sávio, especialista em segurança pública, que diz que medidas simples de prevenção evitariam prejuízos maiores. Argumenta também que em vez de criar grupos de repressão, a polícia deveria formar agentes para a mediação de conflitos, sair da postura reativa e partir para o diálogo – entre as forças policiais, para alinhar os protocolos de ação, e as lideranças do movimento, para identificar os criminosos.

Outra fonte citada é Francisco Carlos Teixeira, professor de história da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ele comenta que um dos maiores problemas é o despreparo da polícia brasileira na mediação de conflitos, passando “da brutalidade para a omissão” sem considerar um “meio-termo”.

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS ENQUADRAMENTOS NOTICIOSOS

Cobertura dos protestos

Quando colocada em voga a cobertura propriamente dita das manifestações é que a maior diferença entre os dois veículos analisados se ressalta. As diferenças de enfoque entre os dois veículos escolhidos começam pela escolha da capa. Nas edições do dia 19 de junho de 2013, *Veja* apresenta como capa o texto “A Revolta dos Jovens” ao passo em que *IstoÉ* expõe a manchete “Nada Justifica a Volta da Repressão”. Essa diferença, conseqüentemente, se reflete nos editoriais das mesmas. *Veja* trata os manifestantes, no primeiro momento, como jovens de classe média e rica que estariam protestando sem saber ao certo por quais motivos. Há certa generalização dos participantes dos protestos como vândalos, e eles são colocados como massa de manobra supostamente nas mãos “partidos políticos radicais”. Já no editorial da *IstoÉ* fica claro o posicionamento do veículo referente às atitudes de repressão promovidas pela polícia contra os manifestantes durante os protestos. Os “vândalos” são retratados como grupos reduzidos que se infiltram nos protestos, uma vez que as ações reivindicatórias tem o apoio da revista, que as situa como “base para a democracia”.

Na semana do dia 26 de junho de 2013, ambas as revistas lançam edições especiais para falar sobre temas relacionados aos protestos. *Veja* intitula sua “edição histórica” como “Os Sete Dias que Mudaram o Brasil”; por seu turno, *IstoÉ* situa sua



“reportagem especial” como “Hoje Você é Quem Manda”. No editorial de *Veja*, podemos notar uma clara mudança de enfoque. Os manifestantes, antes tratados como minorias da elite paulistana, agora são enquadrados como uma imensa porção da sociedade que não se sente representada pelas instituições políticas; o alvo dos ataques agora é o Partido dos Trabalhadores. Outra contradição verificada diz respeito ao fato de que agora os manifestantes são inseridos no semanário como pessoas que “não admitem mais ser usadas como massa de manobra por partidos políticos”, o que foi claramente declarado na primeira edição analisada. Já o editorial de *IstoÉ* prefere focar no descontentamento geral com os políticos brasileiros, o que teria sido já evidenciado nas próprias ruas. É sublinhado que “a voz das ruas não irá mais tolerar calada os desaforos dos políticos”, e que esses últimos se encontram agora atônitos diante da situação. A violência por parte de alguns manifestantes é criticada.

Na última semana analisada, as edições do dia 3 de julho de 2013 trazem basicamente o mesmo enfoque em suas capas, ambas buscando evidenciar o impacto das manifestações no cenário político brasileiro. *Veja*, com a capa “Então é no Grito?”, apresenta em editorial enfoque no plebiscito proposto por Dilma Rousseff. Em mais uma ácida crítica ao partido ao qual é filiada a Presidente da República, o plebiscito é tratado como “golpe”, argumentando-se que “a sociedade quer uma reforma dos políticos e não da política”.

Já *IstoÉ*, com a capa “Você Mandou e o Poder se Mexeu”, foca diretamente nas “respostas” das autoridades após os protestos, pontuando o resultado de algumas reivindicações – a exemplo da rejeição da PEC 37 e da aprovação do projeto que torna a corrupção um crime hediondo –, deixando claro que foram as manifestações as principais responsáveis por acelerar tais circunstâncias, fazendo com que as decisões políticas saíssem do papel.

Ao abordar pela primeira vez o tema, na semana do dia 19 de junho, *IstoÉ* prefere destacar a violência das forças policiais na repressão das manifestações, comparando os excessos cometidos com o que acontecia no período do regime militar. São citados vários casos para ilustrar como a polícia repreendeu a população de forma autoritária, muitas vezes sem motivo. Os manifestantes são tratados pela revista como estudantes e jovens trabalhadores. As reivindicações por trás das manifestações são consideradas legítimas; além disso, são mostradas pesquisas que apontam que um cidadão paulistano pode chegar a gastar três meses de salários mínimo por ano em passagens de ônibus. O Movimento Passe Livre é descrito como uma federação de



estudantes com ideias esquerdistas de várias nuances. É mostrado que alguns dos membros são pertencentes de fato a uma elite cultural de esquerda, mas que o movimento tem também conexão com sindicatos e organizações da periferia. É também ressaltado que os militantes do MPL são contrários aos atos de vandalismo que ocorreram em meio às manifestações, argumento reforçado pela declaração de um dos integrantes do grupo entrevistado por *IstoÉ*. Os responsáveis pelos atos de vandalismo, segundo a revista, seriam os chamados “anarco-punks”, ativistas que condenam todas as formas de autoridade.

Em sua primeira matéria abordando o assunto, *Veja* não cita com profundidade os possíveis abusos cometidos pela polícia. Refere-se apenas aos números de manifestantes presos e feridos durante os protestos. Os manifestantes são retratados como uma “rapaziada” que foi às ruas apenas para dar vazão às pressões hormonais, e não há separação entre manifestantes e vândalos. As minorias, “militantes de partidos de extrema esquerda e de centro-esquerda”, são responsabilizadas pelo “quebra-quebra” da mesma maneira como “punks e desocupados”. O Movimento Passe Livre é definido como “um grupo nanico criado por estudantes”, composto por membros da elite paulistana. Nenhum dos denominados “porta-vozes” do movimento foi ouvido. Todavia, esses pequenos grupos que compõem os protestos são “minimizados” pela publicação, que considera como o “verdadeiro fenômeno” o fato de milhares de “rapazes e moças que tinham tudo para estar no shopping, no cinema ou na balada” terem se juntado às “fileiras de vândalos profissionais”, como são tratados os manifestantes. Sobre o estopim das manifestações, *Veja* diz que os primeiros protestos organizados pelo MPL não chegaram a alcançar dois mil manifestantes, e que os responsáveis pelo crescimento dessas manifestações foram os grupos punk, “arregimentados por alas radicais de partidos”. Uma das fontes, um agente de inteligência da Segurança Pública de São Paulo, diz que o movimento tem interesses políticos e se tornou um vetor de violência. Em seguida o movimento iniciado pelo MPL é comparado a outros movimentos que geraram manifestações ao redor do mundo. Para concluir, é dito que a briga pela redução das tarifas de ônibus “faz sentido”, mas a maioria dos manifestantes não é usuária de ônibus, portanto não teria que lutar por esse direito, e estaria se rebelando “sem nem saber o porquê”. A principal “doença brasileira” que supostamente se emancipara por meio dos manifestantes é “a ausência de partidos políticos e programas que ‘empolguem’ os jovens”. Conforme a revista, se isso ocorresse “lhes daria a saudável noção de que o mundo nunca é perfeito”, e que os



meios de tentar consertar alguma coisa são a prática política e o voto. A última fonte ouvida é o historiador e sociólogo Jordi Tegel Gorgas, do Instituto Graduate, de Genebra. O acadêmico diz que em todo mundo parece haver um amplo conflito entre os jovens e a política, e que a relação conflituosa entre a polícia e a sociedade pode agravar mais ainda essa situação.

Veja não deu continuidade ao assunto. Na “edição histórica” apenas duas colunas são reservadas para falar diretamente sobre os protestos, e ainda assim o enfoque é político, especialmente com ataques ao PT, abordagem que ocupa a maior parte do espaço. Já *IstoÉ* dedicou grande parte de sua edição da semana do dia 26 de junho de 2013 para uma reportagem especial sobre o tema. Nela, o destaque é a “voz das ruas”, que impôs sua força e mostrou que, mesmo sem uma grande causa aglutinadora, era capaz de reverberar por todos os cantos do país uma insatisfação latente de que o poder institucionalizado desconhecia. Em resumo, é dito que “a nação acordou” e, com o recuo dos governantes, descobriu-se que é possível provocar mudanças. O apelo visual é significativo, com dezenas de fotos dos mais diversos cartazes presentes nas manifestações, na tentativa de mostrar a pluralidade de reivindicações.

Copa do Mundo e Copa das Confederações

O tema “Copa” aparece em matérias dos dois veículos, mas as opiniões sobre o tema não variam muito. *IstoÉ* trata o fato de a Copa das Confederações ter virado alvo de manifestações pelo custo excessivo das obras diante da baixa qualidade dos serviços públicos do país. Segundo a única matéria publicada sobre o assunto, “a população está descontente com os R\$ 28 bilhões investidos só nos torneios”, e os protestos atingiram as cidades-sede das Copa das Confederações. Nessas cidades têm ocorrido sucessivos embates entre milhares de manifestantes e a polícia nas redondezas dos estádios e nos dias de jogo. *Veja*, do mesmo modo, afirma que se gastou dinheiro público demais com belos estádios e de menos com o restante do cotidiano, e que a Copa de 2014 consumirá dinheiro público demais para resultados de menos. Além dos estádios, é mostrado que a infraestrutura de acesso aos mesmos é precária e que os aeroportos serão apenas “remendados”.

Ações de vândalos durante as manifestações



O enfoque dado em ambas revistas sobre os atos de vandalismo durante as manifestações é bem parecido, sempre destacando que os vândalos são a minoria, um grupo que gerou caos e revolta pelo país inteiro. Apesar de as duas revistas chamarem os “baderneiros” de “anarquistas”, *Veja* deixa isso mais explícito, alegando que os mesmos é quem incitam a violência durante os protestos, empurrando as massas para um comportamento irracional. Para fortalecer tal argumento, a fala de um suposto “anarquista” é citada: “Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Conseguimos implantar o caos”. A revista *IstoÉ* destacou alguns casos isolados; já *Veja* preferiu focar nas depredações feitas pelos manifestantes, citando os valores dos prejuízos nos prédios públicos, como a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, com prejuízo estimado em R\$ 2 milhões. *IstoÉ* cita que além de “grupos neonazistas”, também se infiltram nas manifestações organizações criminosas, traficantes e bandidos comuns, e usa o argumento de que incendiar ônibus e quebrar estações de metrô não interessa a quem depende do transporte público. O periódico atribui ao Movimento Passe Livre a responsabilidade de controlar a multidão, pensando numa estratégia para expulsar os “baderneiros” dos protestos. Aponta, por fim, que houve uma falha policial devido à demora em conter os tumultos, alegando que a estratégia de ação dos infiltrados é traçada bem antes de começar a manifestação. Mas diz também que a polícia vem estudando a rotina dos grupos e tenta a todo custo, mapear as formações.

Trata-se de ponto em comum com a revista *Veja*, que também fala que os “anarquistas pegaram a inteligência policial de surpresa”. Um delegado da Diretoria de Inteligência da Polícia Federal de Brasília diz à *Veja* que já se sabia da existência desses grupos no Brasil, mas que não se tinha a menor ideia de que estavam se preparando para, na primeira oportunidade, “assumir o controle em arruaças”. Sobre a identificação dos vândalos, tanto *Veja* quanto *IstoÉ* citam que são poucos os identificados, pois muitas vezes, utilizam-se apelidos, máscaras e se misturam à multidão, dificultando sua captura. *IstoÉ* prefere, porém, ter uma visão mais otimista sobre os resultados dessas ações promovidas por supostos vândalos, destacando que tal imagem não é a que ficará dos protestos em detrimento do repúdio dos manifestantes à minoria violenta.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de uma compreensão dos enquadramentos noticiosos como “padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos” (PORTO, 2002), buscou-se neste artigo uma comparação descritiva entre o enfoque



dados por duas das principais revistas semanais brasileiras aos protestos que envolveram o país em junho de 2013. A partir de uma análise descritiva da cobertura noticiosa, depurou-se os principais argumentos e perspectivas adotados pelos dois veículos a respeito de três pontos: 1) as manifestações propriamente ditas; 2) os reflexos na organização da Copa das Confederações e da Copa do Mundo no Brasil; e 3) a suposta ação de vândalos durante os protestos. Em um segundo momento, procurou-se desempenhar uma análise comparativa entre tais elementos previamente elencados a partir da descrição.

Não se pretende no espaço deste trabalho chegar a conclusões fechadas sobre o assunto. Todavia e a despeito dos pontos comuns localizados, compreende-se com o estudo que ao passo em que *IstoÉ* debruçou-se sobre um enquadramento noticioso de caráter mais episódico (foco nos acontecimentos noticiados) e otimista (defesa do direito de manifestação como traço essencial da democracia), *Veja* optou por um enquadramento de ordem política (crítica direta ao Governo Federal e ao partido da Presidente da República, bem como aos demais partidos do espectro da esquerda brasileira) e negativa (desqualificação dos manifestantes). Além disso, constatou-se uma mudança no fio condutor do enquadramento levado a cabo pela revista da Editora Abril. Enquanto na primeira edição analisada os protestos são simplesmente desqualificados pelo periódico, nas edições seguintes a desqualificação recai apenas sobre os organizadores dos atos e aos partidos do espectro de centro-esquerda.

Finalmente, contata-se também nos enquadramentos noticiosos de *Veja* um traço de seu “discurso performativo” (AIDAR PRADO, 2005), pois além de criar representações da realidade retratada, a revista apresenta uma espécie de “prescrição” sobre como seus leitores devem se posicionar perante os ocorridos no Brasil em junho de 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIDAR PRADO, José Luiz. **O leitor infiel diante dos mapas da mídia semanal performativa**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. VII (1). São Leopoldo (RS), janeiro/abril 2005.

GITLIN, Todd. **The whole world is watching**: mass media in the making and unmaking of the New Left. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 2003.

PORTO, Mauro. **Enquadramentos da Mídia e Política**. In: Anais do XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu/MG, 22 a 26 de outubro de 2002.